

COORDENAÇÃO DE GRUPOS DE TERAPIA OCUPACIONAL EM ENFERMARIA PSIQUIÁTRICA - RELATO DE SUPERVISÃO REALIZADA COM UMA ESTAGIÁRIA¹

DANIELLE ALINE BARATA²

SILVIA ANTUNES COCENAS³

LEONARDO MARTINS KEBBE⁴

RESUMO

O campo da Terapia Ocupacional em Saúde Mental tem como recurso de tratamento, bastante utilizado na clínica, um grupo com o qual o estudante necessita lidar nas práticas de estágios. A expectativa de coordenar grupos compostos por pessoas com transtornos mentais leva o estudante a questionar a própria competência para tal tarefa, visto ser este dispositivo de tratamento constituído por aportes teórico-metodológicos de diferentes áreas do conhecimento. Relata-se aqui uma experiência de estágio profissionalizante de Terapia Ocupacional em Saúde Mental, desenvolvida em uma enfermaria psiquiátrica em 2009. Discorre-se sobre os atendimentos grupais a pacientes da enfermaria seguidos de supervisão sistemática dos encontros. As supervisões foram efetivadas por terapeuta ocupacional e docente da mesma área a uma estagiária do 5.º ano do curso de graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FMRP-USP). O processo de ensino e aprendizagem possibilitou: reflexão sobre experiência relevante para a coordenação de grupos, desenvolvimento de habilidades de manejo clínico desse instrumental, maior segurança para atuação nessa área e propulsão do estudo teórico, necessário à fundamentação das práticas efetivadas no estágio, possibilitando a expressão de dúvidas, ansiedades e insegurança no transcorrer dessa etapa. No contexto da enfermaria em que foi realizado o estágio, foi possível a delimitação dos objetivos gerais para os grupos de Terapia Ocupacional. A seleção de atividades para esses grupos foi realizada por meio

¹ Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

² Acadêmica do 5.º ano do curso de graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo (FMRP-USP). E-mail: danielle.aline.barata@gmail.com

³ Terapeuta Ocupacional da Enfermaria de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (HCFMRP-USP).

⁴ Docente do Curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da FMRP-USP.

da articulação teórico-prática, o que possibilitou reflexão sobre o papel político e humano do terapeuta ocupacional.

Palavras-chave: grupos de Terapia Ocupacional, estágio clínico, saúde mental.

OCCUPATIONAL THERAPY GROUPS COORDINATION IN PSYCHIATRIC WARD - REPORT OF SUPERVISION CARRIED OUT WITH AN INTERN

ABSTRACT

Occupational Therapy in Mental Health widely uses the group approach as a treatment resource and the student needs to address this issue during their clinical practice. The expectation of coordinating groups composed by people with mental disorders leads the student to question their own competence for the task, since this treatment resource consists of theoretical and methodological contributions in different fields of knowledge. We report our experience of a training period of a student in Mental Health, developed in a psychiatric ward in 2009. We discuss the group care delivered to patients of the ward followed by systematic supervision of these sessions. The supervision was done by an occupational therapist also an occupational therapy lecturer to an intern student of the last he year of undergraduate studies in Occupational Therapy at Medical School of Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo (USP). The process of teaching and learning made possible: reflection on the experience of groups coordination, development of skills in clinical management of these techniques, greater self confidence to perform in this area and it was a motivation for theoretical studies needed to support the foundations of reasoning at the clinical practice, allowing the expression of doubts, anxiety and insecurity. In the context of the ward in which the practice was conducted the overall objectives of the occupational therapy groups could be defined. The selections of activities for these groups were done using theoretical-practical articulation, allowing the reflection of the political and human occupational therapist role.

Keywords: Occupational Therapy groups, clinical practice, mental health.

INTRODUÇÃO

Representações pejorativas sobre a doença mental, suas diferentes manifestações e a busca por recursos terapêuticos adequados para pessoas com diagnóstico psiquiátrico constituem desafios imprescindíveis a serem enfrentados pelo estudante de Terapia Ocupacional que

necessita desenvolver seus estágios curriculares na área da Saúde Mental. É papel dos supervisores de estágio buscar continuamente a capacitação técnica adequada e atualizada dos estudantes sob sua orientação, mas também atuar de forma suportiva e política buscando desconstruir aceções equivocadas que podem levar

estagiários a vivenciarem suas práticas com ansiedade, medo e sofrimento.

Diferentes estratégias interventivas integram o campo da Terapia Ocupacional em Saúde Mental, sendo o grupo de Terapia Ocupacional dispositivo de tratamento bastante utilizado na clínica, com o qual o estudante necessita lidar nas práticas dos estágios. Esse grupo pode ser designado como um conjunto de pessoas reunidas com o propósito de “fazer atividades”, mediante ações e uso de materiais, na confecção de artesanatos, em artes plásticas, teatro, etc. A escolha da atividade e sua execução variam conforme as necessidades do grupo e a orientação teórico-metodológica do terapeuta ocupacional (MAXIMINO, 2001). O objetivo primordial de um grupo de Terapia Ocupacional é o tratamento, sendo a coordenação do terapeuta ocupacional imprescindível para ofertar vivências singulares através do “fazer junto”, como o compartilhamento de experiências, a interação social, a comunicação verbal e não verbal, e também a exposição de sentimentos e conteúdos internos (AGNOLON; SANTOS; ALMEIDA, 2006; BALLARIN, 2003; NASCIMENTO et al, 2007).

Por meio da participação em um grupo de Terapia Ocupacional e frente à diversidade conceitual e de estratégias interventivas adotadas, os participantes desenvolvem o pragmatismo e descobrem novos papéis e novas funções (CASTILHO, 2007; FERRARI, 2006). Na Terapia Ocupacional, tais grupos vêm sendo utilizados cada vez mais nos diferentes serviços de saúde como uma intervenção terapêutica eficaz, requerendo do terapeuta a análise do complexo processo decorrente da interação entre os membros do grupo a partir da realização de uma atividade (BRUNELLO, 2002).

BALLARIN (2003) explicita questões importantes sobre os grupos de Terapia Ocupacional, a que estudantes e profissionais desta área devem buscar responder, como o número adequado de pessoas para a composição dos

grupos, as indicações, as contraindicações de pacientes para tratamento grupal, as modalidades de atividades passíveis de uso, e também como coordená-los adequadamente. Frente à expectativa de vir a coordenar um grupo de Terapia Ocupacional composto por pessoas com transtornos mentais, é comum o estudante questionar a própria competência para tal tarefa, visto ser este dispositivo de tratamento constituído por aportes teórico-metodológicos de diferentes áreas do conhecimento, tornando-o algo multifacetado e complexo.

O objetivo deste artigo é relatar nossa experiência na supervisão de uma estagiária, a partir do papel desempenhado por ela, enquanto coordenadora de diferentes grupos de Terapia Ocupacional, no contexto de uma enfermaria psiquiátrica, no período de fevereiro a maio de 2009.

O conjunto de práticas grupais coordenado pela estagiária com pacientes internados foi sistematicamente supervisionado pelo terapeuta ocupacional da enfermaria em parceria com um docente de um curso de graduação de Terapia Ocupacional, no transcorrer de um estágio profissionalizante de Terapia Ocupacional em Saúde Mental.

Por se constituir em uma experiência de trabalho integrado entre nós, supervisores, optamos pela descrição aqui apresentada na forma plural. Conforme consideramos, nossa parceria é complementar e abrangente, posto ser constituída de um terapeuta ocupacional contratado para desenvolver intervenções na enfermaria psiquiátrica de um hospital-escola, e de um docente de Terapia Ocupacional da área da Saúde Mental, que contribui com a estruturação do estágio em sua dimensão didática e assistencial. Sendo assim, é com base no lugar ocupado por nós, enquanto supervisores de estágio, que descrevemos este relato. Ressaltamos que, continuamente, nos sentimos instigados a descrever nossas atividades, buscando a

divulgação do nosso trabalho de forma crítico-reflexiva, visando contribuir com o debate sobre o processo de ensino e aprendizagem na área da Terapia Ocupacional em Saúde Mental.

MÉTODOS

O relato de nossa supervisão à estagiária, baseado em sua coordenação de grupos de Terapia Ocupacional, teve como base conteúdos subsidiados por: a) relatos verbais e escritos (relatórios) feitos pela estagiária e anotações dos supervisores sobre temas relevantes para discussão; b) discussão conjunta dos atendimentos, quatro vezes por semana, com a participação da estagiária, do terapeuta ocupacional supervisor da Enfermaria e do docente do curso de Terapia Ocupacional. Durante o estágio foram atendidos, em média, sete pacientes em cada grupo coordenado pela estagiária.

O contexto da experiência

A Enfermaria de Psiquiatria do referido hospital-escola oferece 14 leitos e ocupa um andar do prédio do hospital geral de nível terciário. Localizado em um *Campus* universitário, no interior do Estado de São Paulo, e seguindo as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), esse hospital atende pacientes do município onde está instalado e também de suas adjacências, além de conveniados e particulares. São critérios para a internação psiquiátrica: agudização de sintomatologia dos transtornos psiquiátricos que ocasionam comprometimento sócio-ocupacional grave, risco de autoagressão, heteroagressão e suicídio, além de elucidação diagnóstica. A unidade trabalha com tempo de internação média de 3 meses e, por estar inserida em um hospital de ensino, assistência e pesquisa, a Enfermaria também realiza internações para experimento e estudo sobre novos medicamentos. Atualmente a equipe fixa do serviço é composta de um assistente social, um terapeuta ocupacional, um

psicólogo, 3 médicos assistentes e uma equipe de enfermagem que trabalha em turnos. Conta, também, com uma equipe volante composta de estagiários, alunos de aprimoramento e residentes de diferentes áreas que desenvolvem um período de experiência profissional com práticas supervisionadas pelos profissionais contratados no serviço. A Enfermaria oferece acompanhamento familiar, grupos diários de psicoterapia, atendimentos grupais e individuais em terapia ocupacional, psicologia e também tratamento medicamentoso.

Caracterização do estágio de Terapia Ocupacional

O estágio na Enfermaria objetiva que o aluno desenvolva intervenções terapêutico-ocupacionais em Saúde Mental com pacientes sintomáticos, aprenda a estabelecer relações terapêuticas, avalie e elabore plano de tratamento adequado para cada usuário de acordo com as diferentes necessidades identificadas, por meio de atendimento grupal e ou individual. Deve também relacionar teoria e prática efetivamente, sendo exigido o desenvolvimento da postura profissional do estagiário como membro da equipe de trabalho do serviço. Para tanto, constituem critérios de sua avaliação: pontualidade, iniciativa, cooperação e comunicação com a equipe, verbalmente e por escrito.

Dentre as atividades de Terapia Ocupacional, que supervisionamos no estágio, a de grupo foi o tipo de intervenção que mais nos interessou, pois, durante o curso de graduação em Terapia Ocupacional, o estudante geralmente desenvolve poucas experiências práticas com grupos.

O serviço de Terapia Ocupacional na Enfermaria de Psiquiatria

O serviço de Terapia Ocupacional da Enfermaria foi estruturado pelo profissional contratado da área, responsável pela supervisão diária das práticas realizadas pelos estagiários, também pelo

desenvolvimento de atividades, como festas comemorativas (Páscoa, Festa Junina e Natal), pelos grupos de Terapia Ocupacional, atendimentos individuais, passeios internos à praça do hospital e passeios externos. Esses grupos contam com a participação da equipe multidisciplinar no acompanhamento dos pacientes aos espaços de lazer, cultura, esporte entre outros.

Na Enfermaria, três grupos de Terapia Ocupacional são realizados: 1. Grupo de Jornal; 2. Grupo de Atividades Livres e 3. Grupo de Expressão Corporal. As atividades se iniciam às segundas-feiras com o Grupo de Jornal. Na terça-feira é a vez do Grupo de Atividades Livres e dos passeios internos, alternando-se com passeios externos. As festas de Páscoa, Juninas e de Natal são comemoradas próximas às datas que constam no calendário, às quartas-feiras, no horário de realização do Grupo de Família, como forma de integrar familiares, pacientes e equipe. Para o encerramento das atividades semanais, é realizado o Grupo de Expressão Corporal, às quintas-feiras.

Descrição dos grupos de Terapia Ocupacional da Enfermaria

A experiência aqui apresentada descreve parte de nossa atuação na supervisão do Grupo de Jornal, do Grupo de Atividades Livres e do Grupo de Expressão Corporal.

No Grupo de Jornal, a proposta é que cada paciente escreva algo sobre seus próprios sentimentos diante do que realizou ao longo da semana ou no final dela e o que planejou fazer nos dias seguintes. Posteriormente, deve descrever sobre um assunto associado a pessoas que lhe são próximas ou notícias que viu ao longo da semana nos meios de comunicação, que lhe tenham despertado o interesse. Ao final do trabalho, as notícias são agrupadas e afixadas pelos pacientes em um mural na sala de atividades, local onde há grande circulação de internos e de familiares.

O Grupo de Jornal pretende que os pacientes distingam o que concerne ao seu mundo interno, por meio da autoexpressão de pensamentos, sentimentos e acontecimentos, para posteriormente diferenciarem do que é externo a eles: aquilo que ocorre ao seu redor, na cidade onde moram, no país ou no mundo em geral. Com o uso dessa estratégia, aborda-se a percepção sobre a orientação auto e alopsíquica e também a organização dos pensamentos por meio do uso da escrita como meio de comunicação, a síntese (escrita e verbal) necessária à compreensão dos conteúdos expressos. Este grupo atua, ainda, como estímulo à reflexão pessoal e coletiva, por ser a primeira atividade de Terapia Ocupacional desenvolvida na semana, auxiliando no planejamento das atividades que serão realizadas nos dias subsequentes. Essas atividades abordarão exatamente as questões expressas pelo grupo no jornal coletivo como, por exemplo, as dificuldades, os sentimentos, os pensamentos e as distorções da realidade interna e externa dos pacientes. Além disso, o Grupo de Jornal busca proporcionar um momento em que os pacientes conversam sobre assuntos comuns pelos quais se interessam, relatando seus desejos, suas angústias e, assim, fortalecendo os relacionamentos interpessoais. Nesse sentido, uma importante responsabilidade do terapeuta ocupacional é cumprida, ou seja, o auxílio a pacientes na reconstrução de suas histórias subjetivas, muitas vezes perdidas e, simultaneamente, na sua organização interna e externa a partir do entendimento de que a atenção à crise exige o direito à expressão da subjetividade (CASTILHO, 2007; NICÁCIO; CAMPOS, 2004).

No Grupo de Atividades Livres, os pacientes participam de atividades de sua escolha, de acordo com os materiais disponíveis. São realizadas atividades artesanais tais como: pintura em vários materiais, decoupage, modelagem em gesso ou argila, costura, bordado, desenho, atividades em madeira, mosaicos ou ainda o

uso de jogos. Esta estratégia visa estimular as escolhas e expressar os interesses dos pacientes, concretizando-os na medida do possível, por meio das atividades citadas. Aqui, o fazer junto favorece a troca de experiências, a cooperação e a colaboração, além de ser um espaço para os relacionamentos interpessoais. A atividade também possibilita o uso de habilidades motoras e cognitivas, pois sua realização exige iniciativa, planejamento e execução de tarefas; estimula a criatividade e amplia as experiências e o aprendizado por meio do conhecimento de diferentes materiais e técnicas. O cuidado, a limpeza e a organização dos materiais utilizados para a realização das atividades estimulam as habilidades de automanutenção, que podem ser ampliadas para a estimulação das atividades de vida diária, como o próprio autocuidado e o cuidado com a casa e com seus pertences. O grupo oportuniza, ainda, a aprendizagem de habilidades produtivas que posteriormente poderão ser utilizadas como meio de obtenção de renda. Também possibilita intervir no funcionamento da pessoa frente às dificuldades, na lida com as frustrações e nos demais fatores constituintes do funcionamento mental, interferentes na vida ocupacional.

O Grupo de Expressão Corporal objetiva explorar o contato e a percepção dos pacientes sobre o próprio corpo, estimular a autoconfiança, ampliar a linguagem corporal e os relacionamentos interpessoais por meio de atividades como jogos musicais, dança, mímica, brincadeiras, relaxamento, entre outras. Como sugerido por FERRARI (2002), a vivência corporal pode auxiliar o paciente, especialmente aquele que vivencia a problemática da psicose, a identificar, a diferenciar e a integrar sensações, com um conhecimento maior sobre o funcionamento do próprio corpo.

ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA EM SI: A SUPERVISÃO DOS GRUPOS DE TERAPIA OCUPACIONAL NO CONTEXTO DA ENFERMARIA

O processo de ensino-aprendizagem efetivado pelos supervisores e pela estagiária foi iniciado com a experimentação do papel de coordenadora, assumido pela estudante, de parte dos grupos realizados na Enfermaria. Inicialmente, durante a graduação, a estagiária havia somente observado algumas atividades em grupos e participado como co-coordenadora em um encontro que não era na área de Saúde Mental. Portanto, foi necessário que ela aprendesse a controlar a própria ansiedade e a insegurança diante de seu “novo” papel, em um novo campo de atuação, especialmente frente aos pacientes, que a viam como terapeuta ocupacional.

Esse momento inicial de angústia da estagiária configurou uma meta a ser trabalhada durante nossa supervisão, para tentar minorar esse sentimento ameaçante que poderia impedir uma prática de coordenação mais empática. Como exemplo, discutimos a não-eficiência dela em um Grupo de Expressão Corporal. Nesse grupo, a atividade proposta pela estagiária coordenadora havia sido executada com dificuldades pelos pacientes devido à ineficiência da explicação, feita por ela, sobre as etapas da atividade. Na supervisão, atentamos para que ela treinasse sua fala de forma clara, objetiva e pausada para que os pacientes compreendessem as propostas. Com isso, entendeu que sua comunicação não verbal, ou seja, a modulação de sua voz, expressão corporal e facial eram também altamente importantes, pois os pacientes percebiam a sua insegurança, o que os deixava inseguros para participar do grupo.

Ainda visando diminuir a ansiedade inicial da estagiária em supervisão conjunta, nós ressaltamos as diferenças entre a finalidade de cada grupo e o objetivo da atividade que era executada em cada um dos grupos. Como observamos, essa reflexão feita durante a supervisão lhe possibilitou, paulatinamente, selecionar atividades e coordenar os grupos de forma mais segura, atenta e, sobretudo, empática. Por exemplo, no Grupo de

Expressão Corporal, cujo objetivo essencial foi proporcionar um espaço para que os pacientes tivessem contato consigo mesmos e com os outros, foi realizada a “mímica dos sentimentos”, sendo o grupo dividido em dois subgrupos. Um participante de cada subgrupo sorteou um sentimento ou uma expressão registrado no papel e, em seguida, teria de comunicar aos demais, através da expressão facial e corporal. O grupo com mais acertos venceria o jogo. Dessa forma, atendendo ao objetivo principal desse grupo de expressão corporal, a atividade descrita objetivou a identificação dos sentimentos em cada expressão facial e corporal por meio de sua observação, pelos subgrupos. Tal atividade possibilitou à estagiária intervir no sentido de fazê-los perceber que a identificação de sentimentos, de forma não verbal, é passível de ocorrer em seus relacionamentos.

Nossas supervisões possibilitaram à estagiária a compreensão das diferentes classificações teórico-metodológicas dos grupos de Terapia Ocupacional. Para tanto, trouxemos às supervisões parte desses fundamentos, importantes para o estudo das diferentes formas de organização dos referidos grupos, de acordo com autores terapeutas ocupacionais. Nesse sentido, discutimos que BENETTON (2006 p.42) identificou dois tipos de dinâmica, ligados ao uso de atividades: o primeiro denominado “grupo de atividades” e o segundo, “atividade grupal”. Tais classificações correspondem respectivamente ao “grupo paralelo” e ao “grupo de projeto”, propostos por MOSEY em um artigo da década de 1970 (MAXIMINO, 2001 p.41,42).

A estagiária compreendeu que a configuração de um grupo de atividades (ou grupo paralelo) se estrutura mediante:

agrupamento de pacientes envolvidos em atividades individuais com uma mínima necessidade de interação. Os membros do grupo podem agir como fonte de estímulo uns para os outros ou ainda no teste de como

seu comportamento pode afetá-los. No entanto, a realização da atividade não requer interação e o terapeuta provê assistência a cada paciente individualmente. (...) Atividades mais fáceis, que não requerem muita atenção, podem favorecer a interação, e é interessante ter dois ou mais pacientes realizando o mesmo tipo de atividade. São requisitos para este nível: estar consciente da presença de outros, poder trabalhar nesta situação, conseguir ter um mínimo de inter-relação. (MOSEY apud MAXIMINO, 2001 p. 41)

A classificação acima ajudou a estagiária a definir e a caracterizar o Grupo de Atividades Livres da Enfermaria na configuração de grupo paralelo, pois os pacientes se dedicaram a atividades individuais, interagiram pouco e escolheram na maioria dos casos atividades mais fáceis ou aquelas que estavam sendo realizadas por outros pacientes. Essa organização grupal fez com que cada paciente fizesse sua atividade mantendo com a estagiária, coordenadora do grupo, uma relação mais individualizada.

O Grupo de Jornal e o Grupo de Expressão Corporal puderam ser classificados pela estagiária como grupos de projeto ou, conforme definição correspondente, como “atividade grupal”, pois de acordo com a proposição de BENETTON (2006) para esse tipo de funcionamento, os pacientes desenvolvem uma única atividade, coletivamente, e o terapeuta pode manter o grupo nessa relação de trabalho conjunto.

Como exemplo, no Grupo de Jornal, os pacientes estiveram envolvidos em uma atividade comum, dada pela elaboração individual de suas notícias, mas que, ao final da atividade, foram agrupadas e afixadas em mural, constituindo um projeto coletivo; o Grupo de Expressão Corporal foi também classificado como atividade grupal, pois as atividades empregadas, como a dança com cadeiras e a mímica de sentimentos mostraram-se provocadoras do compartilhamento e da cooperação.

Nesses encontros, os pacientes conseguiram solicitar e oferecer assistência mútua a partir de interações simples.

No transcorrer da supervisão, apresentamos para a estagiária alguns aspectos relevantes a serem considerados por ela sobre as diferentes formas de grupalização em Terapia Ocupacional (grupo de atividades ou atividade grupal). Discutimos que, para ambas as formas de composição de grupos de Terapia Ocupacional, ela deveria levar em conta, entre outros fatores: o tamanho do grupo, a natureza das atividades selecionadas para o grupo, as condições sintomáticas dos pacientes que, como observamos na Enfermaria, quanto mais sintomáticos, menor a interação e a cooperação; a análise do potencial das atividades selecionadas enquanto facilitadoras da coesão grupal, momento em que se torna mais fácil o compartilhamento de experiências e a cooperação (KEBBE, 2002). Essas questões, problematizadas por nós durante os encontros de supervisão, foram importantes para subsidiar as reflexões da estagiária acerca da composição e do funcionamento dos grupos.

Apresentamos também as diferenças entre o diagnóstico clínico e o diagnóstico ocupacional dos pacientes, e o modo como um interferia no outro, assim como nos grupos com os quais a estagiária trabalhava na Enfermaria. Nesse sentido, exemplificamos para ela, tomando como base um de seus atendimentos grupais, que os sintomas clínicos, como o afeto, o humor e o pensamento eram expressos pelos pacientes na forma como eles faziam as atividades. Por exemplo, uma paciente com hipótese diagnóstica de esquizofrenia apresentava um comportamento desorganizado durante a realização das atividades nos grupos, não conseguindo organizar o ambiente onde as mesmas eram executadas. Os materiais que havia usado e a própria atividade era feita sem seguir as etapas necessárias à sua consecução, o que demonstrava claramente o pensamento desorganizado da paciente.

Ao longo das supervisões pudemos, ainda, discutir sobre os processos inconscientes que gravitavam nos grupos, por vezes dificultando sua coordenação e seu desenvolvimento exitoso, situações que deixavam a estagiária insegura. Os fenômenos inerentes aos processos grupais, como o surgimento de ansiedades exacerbadas e as conseqüentes defesas psíquicas, resultavam em resistências dos pacientes em se permitirem iniciar as atividades nos grupos. Na supervisão de um dos Grupos de Jornal, a estagiária relatou que os pacientes resistiram em fazer a atividade, questionando-a, repetidamente sobre o que era para escrever. Após as reorientações da estagiária, feitas ao grupo, os pacientes escreveram conteúdos não relacionados à atividade proposta. Quando questionados acerca das regras do grupo, verbalizaram-nas de forma distorcida, lembrando frequentemente da regra de que poderiam sair, mas se esquecendo de que, ao fazê-lo, não poderiam retornar. Em supervisão, mostramos à estagiária que essa atividade proposta ao grupo era ansiogênica, pois as dificuldades de orientação alopsíquica impediam os participantes de registrarem vivências e notícias advindas de seu mundo externo e, como forma inconsciente de evitação dessa ansiedade, os pacientes manifestaram vontade de se ausentar do grupo. Nesse sentido, concordamos com FERRARI (2006), ao observar que o cotidiano terapêutico de um serviço, organizado por meio de abordagens grupais, pode fazer com que os pacientes sejam colocados em situações inicialmente complicadas, devido à sua problemática psíquica, e também com BRUNELLO (2002), ao apontar que questões problemáticas vividas no contexto social emergem da ação (ou inação) no grupo, percepções que foram também assinaladas pela estagiária e que contribuíram para a nossa supervisão, fundamentação e para o direcionamento das práticas, mediante compreensão do funcionamento dos grupos. Esse entendimento, como observamos, contribuiu para o controle da ansiedade por parte da estudante,

possibilitando uma coordenação grupal mais segura e empática diante das questões disparadas pelos pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de supervisão desenvolvido na relação com uma estagiária nos possibilitou a obtenção de experiência relevante para a condução dos encontros de supervisão, especialmente no que concerne à temática sobre grupos de Terapia Ocupacional e suas possibilidades de manejo clínico. Consideramos as supervisões imprescindíveis à instrumentalização e ao desenvolvimento de habilidades para a coordenação desse instrumental, por parte da estagiária, provendo maior segurança para atuação na área de Terapia Ocupacional em Saúde Mental.

As supervisões feitas à estagiária se constituíram em encontros propulsores para seu estudo teórico, necessário à fundamentação das práticas efetivadas por ela no estágio, também possibilitando a expressão de dúvidas, ansiedades e insegurança no transcorrer dessa etapa. No contexto do serviço de Saúde Mental que supervisionamos, o acolhimento a essa estagiária resultou em uma experiência que nos fez confirmar a importância da clara delimitação dos objetivos gerais para os grupos de Terapia Ocupacional. Nas supervisões, o debate sobre a seleção de atividades para uso nesses grupos foi algo enriquecedor, à medida que buscamos, continuamente, esclarecer dúvidas e inquietações da estagiária, provendo o embasamento teórico necessário à formação técnica, política e humana do profissional terapeuta ocupacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNOLON, M. C.; SANTOS, S. S.; ALMEIDA, M. H. M. Grupo de orientação postural a idosos com dor osteomuscular: estabelecendo relações entre teoria e prática. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.17, n.2, p. 80-86, 2006.

BALLARIN, M. L. G. S. Algumas reflexões sobre grupos de atividades em Terapia Ocupacional. In: PADUA, E. M. M., MAGALHÃES, L. V. (Orgs) *Terapia Ocupacional: Teoria e Prática*. Campinas: Papirus, 2003, p.63-76.

BENETTON, J.M. *Trilhas Associativas: ampliando subsídios metodológicos à clínica da terapia ocupacional*. Campinas: Arte Brasil /UNISALESIANO, 2006.

BRUNELLO, M. I. B. Terapia Ocupacional e grupos: uma análise da dinâmica de papéis em um grupo de atividade. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.13, n.1, p. 9-14, 2002.

CASTILHO, J. C. N. Cortina de quadrados de tecido: uma produção no hospital psiquiátrico. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.15, n.2, p.165-170, 2007.

FERRARI, S. M. L. A-Tua-Ação da Terapia Ocupacional no corpo contido. *Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional*, n.7, p.9-13, 2002.

FERRARI, S. M. L. Terapia Ocupacional: a clínica numa instituição de saúde mental. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v.14, n.2, p.121-127, 2006.

KEBBE, L.M. *O uso de atividades em grupos terapêuticos e suas especificidades: subsídios para o debate sobre grupos de Terapia Ocupacional*. 2002. 222 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

MAXIMINO, V. S. *Grupos de Atividades com pacientes psicóticos*. São José dos Campos: Univap, 2001.

NASCIMENTO, V. P.; LINO, M. E. S.; CAMPOS, G. V.; ANDRADE, E.; MANCINI, M. C.; TIRADO, M. G. A. Grupo de leitura e produção de textos: uma intervenção da terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.18, n.1, p. 17-21, 2007.

NICÁCIO, F.; CAMPOS, G. W. S. A complexidade da atenção às situações de crise- contribuições da desinstitucionalização para a invenção de práticas inovadoras em saúde mental. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.15, n.2, p. 71-81, 2004.

Recebido: 26/05/2009

1ª revisão: 25/08/2009

2ª revisão: 08/12/2009

Aceite final: 11/02/2010